

## A EDUCAÇÃO POPULAR VERSUS A ESCOLARIZAÇÃO

### EDUCACIÓN POPULAR VERSUS ESCOLARIZACIÓN

*Dayane Lopes de Medeiros<sup>1</sup>*

*Maria Aparecida Vieira de Melo<sup>2</sup>*

**Resumo:** Este trabalho visa investigar e refletir a educação escolar, quanto a suas bases fundamentadoras e como estas propõem a organização da escolarização para o desenvolvimento do ser humano enquanto dotado de direitos equitativos e construtores de uma cidadania que valoriza o sujeito e não a “coisificação” do indivíduo como moeda de mercado. Se propõe pontuar a educação escolar em suas bases populares, pois uma educação popular vem de encontro para quebra necessária do sistema escolar que perpetua até os dias atuais no Brasil, encarcerando a população em uma condição de subserviência. Então, surge um questionamento: Como organizar uma educação escolar que abranja a educação popular como prioritária em seu sistema? Para responder a essa pergunta formam-se três vertentes direcionadoras: Pensar a educação a se construir; a forma como esta será organizada e sua finalidade; e os sujeitos que serão desenvolvidos, sua história, sua cultura e sua participação autônoma na organização do saber. Sendo uma pesquisa exploratória bibliográfica pondera sobre a escolarização versus a educação popular, abarcando diálogos e leituras realizadas nos encontros universitários e estágios realizados. A pesquisa foi realizada por meio da leitura sistemática de textos e produção de fichamentos com base em FREIRE, 1983; FREIRE, 1998; FREIRE, 2019; QUIJANO, 2005; IKEDA, 2010; GONZALEZ, 2020. Na busca por uma educação popular no seio escolar brasileiro, a pesquisa procura argumentar contra as bases eurocêntricas de ensino e como estas precisam ser reformuladas, trazendo ideias de como se deve trabalhar um ensinar para a tranquilidade, leveza, liberdade e felicidade dos alunos.

**Palavras-chave:** Bases Fundamentadoras. Educação Popular. Escolarização. Felicidade dos alunos.

**Abstract:** This work aims to investigate and reflect on school education, regarding its founding bases and how they propose the organization of schooling for the development of the human being as endowed with equitable rights and builders of a citizenship that values the subject and not the “thingification”. of the individual as market currency. It is proposed to punctuate school education in its popular bases, as popular education meets the necessary break of the school system that perpetuates until the present day in Brazil, imprisoning the population in a condition of subservience. So, a question arises: How to organize a school education that includes popular education as a priority in its system? To answer this question, three guiding strands are formed: Thinking about education to be built; the way it will be organized and its purpose; and the subjects that will be developed, their history, their culture and their autonomous participation in the organization of knowledge. As exploratory bibliographic research, it considers schooling versus popular education, covering dialogues and readings carried out at university meetings and internships. The research was carried out through the systematic reading of texts and production of records based on FREIRE, 1983; FREIRE, 1998; FREIRE, 2019; QUIJANO, 2005; IKEDA, 2010; GONZALEZ, 2020. In the search for a popular education within Brazilian

<sup>1</sup> Graduanda, UFRN, daymayaralopes@gmail.com.

<sup>2</sup> Doutora, UFRN, m\_aparecida\_v\_melo@hotmail.com.



schools, the research seeks to argue against the Eurocentric bases of teaching and how they need to be reformulated, bringing ideas on how to work a teaching for tranquility, lightness, freedom and happiness from the students.

**Keywords:** Foundations. Popular Education. schooling. Students' happiness.

**Resumen:** Este trabajo tiene como objetivo indagar y reflexionar sobre la educación escolar, en cuanto a sus bases fundantes y cómo proponen la organización de la escolarización para el desarrollo del ser humano como dotado de derechos equitativos y constructores de una ciudadanía que valora el sujeto y no la “cosificación” del individuo como moneda de mercado. Se propone puntuar la educación escolar en sus bases populares, ya que la educación popular encuentra la ruptura necesaria del sistema escolar que se perpetúa hasta nuestros días en Brasil, encarcelando a la población en una condición de servidumbre. Surge entonces una pregunta: ¿Cómo organizar una educación escolar que incluya la educación popular como una prioridad en su sistema? Para responder a esta pregunta se configuran tres ejes rectores: Pensar la educación por construir; la forma en que se organizará y su finalidad; y los temas que se desarrollarán, su historia, su cultura y su participación autónoma en la organización del saber. Como investigación bibliográfica exploratoria, considera escolarización versus educación popular, recorriendo diálogos y lecturas realizadas en encuentros y pasantías universitarias. La investigación se realizó a través de la lectura sistemática de textos y producción de registros con base en FREIRE, 1983; FREIRE, 1998; FREIRE, 2019; QUIHANO, 2005; IKEDA, 2010; GONZALEZ, 2020. En la búsqueda de una educación popular dentro de las escuelas brasileñas, la investigación busca argumentar contra las bases eurocéntricas de la enseñanza y cómo necesitan ser reformuladas, trayendo ideas sobre cómo trabajar una enseñanza para la tranquilidad, la liviandad, la libertad y la felicidad. de los estudiantes

**Palabras clave:** Fundaciones. Educación Popular. enseñanza. La felicidad de los estudiantes.

## 1. INTRODUÇÃO

Quando se pensa em educação popular, logo vem em mente muitos aspectos de conhecimento do povo, e este não é valorizado na escolarização tendo em vista que esta, ainda mantém bases fundamentadoras voltadas para a valorização de um ensino bancário.

A ‘educação libertadora’ ou ‘educação como prática da liberdade’ é uma compreensão metodológica criada por Paulo Freire, com o intuito de acabar com a ideia de ‘educação bancária’<sup>3</sup>. Paulo Freire, assim como vários educadores que apoiam sua proposta pedagógica, abominam o sistema educacional em que o aluno é visto como receptor de ideias e conteúdos. Paulo Freire deixa bem claro em seus livros que o aluno, seja ele criança, jovem ou adulto é um ser pensante com capacidade de criticar e

---

<sup>3</sup> Para Freire, o termo "bancário" significa que o professor vê o aluno como um banco, no qual deposita o conhecimento. Na prática, quer dizer que o aluno é como um cofre vazio em que o professor acrescenta fórmulas, letras e conhecimento científico até "enriquecer" o aluno.

transformar sua realidade, seu meio, e também fazer parte da construção de seu conhecimento, de sua epistemologia.

Há muito, ou desde sempre a criança é tida como uma ‘folha em branco’ que precisa ser ensinada e isso formula a cada dia que passa uma sociedade mais alienada, sem consciência crítica, sem noção política, sem senso de sujeito. Como Paulo Freire (2019) dialoga em seus textos, o indivíduo acaba colocado como ‘coisa’ que serve a um propósito e não como agente transformador de seu habitat. Neste aspecto a escolarização se opõe a educação popular, pois a educação popular visa o desenvolvimento do meio social partindo do conhecimento do povo, e a escolarização, por sua vez, obedece ao sistema capitalista, tendo como função preparar uma “massa” servil para as grandes potências econômicas.

Tendo como objetivo geral argumentar contra a escolarização posta no Brasil até os dias atuais oferecendo como alternativa favorável o restabelecimento de um ensino do povo, com o povo e para o povo, surge um questionamento: Como organizar uma educação escolar que abranja a educação popular como prioritária em seu sistema? Para responder a essa pergunta formam-se três vertentes direcionadoras: Pensar a educação a se construir; a forma como esta será organizada e sua finalidade; e os sujeitos que serão desenvolvidos, sua história, sua cultura e sua participação autônoma na organização do saber.

Esse trabalho visa refletir através de uma pesquisa exploratória bibliográfica sobre a escolarização versus a educação popular, apensando diálogos e leituras realizados nos encontros do Grupo de Estudos e Pesquisa da Educação em Paulo Freire (GEPEPF), e nas experiências vividas em Estágio Infantil e Estágio Fundamental obrigatórios, assim como nos Estágios não obrigatórios. Esse artigo também traz reflexões acerca de discursões no Laboratório de Educação, Novas Tecnologias e Estudos Étnico-Raciais (LENTE) que é responsável por articular ações que permitam a discussão sobre uma educação antirracista e nos projetos de ensino pesquisa e extensão da UFRN - CERES, Caicó, voltados para a educação em Paulo Freire, a educação em direitos humanos e a descolonialidade.

Tendo como metodologia de pesquisa, a leitura e diálogo dos textos de Freire, assim como de outros autores descoloniais e educadores humanistas, estando aqui o



humanismo na valorização do ser humano como sujeitos construtores de sua cidadania, de seu projeto político de mundo e de seu bem viver, o presente estudo almeja pontuar caminhos factíveis para uma educação outra possível, melhor e feliz. A educação é um diálogo que somente se faz de pessoa a pessoa, ouvindo uns aos outros e respeitando as diferenças de opiniões, criando pontes para novas reflexões e caminhos solucionadores dos problemas atuais.

Escolarizar segundo o dicionário disposto no google é *fazer passar por processo de escolarização, por aprendizado em escola*, logo não é, em si, um processo negativo. Apesar de ter sido construído como tal, pode vir a se tornar comprometimento com a felicidade dos sujeitos inter-relacionados em seu meio. Como Freire cita em seus textos, uma educação para a liberdade rompe com o que está posto e consegue repensar um novo modo de viver, de conviver e de aprender.

Utilizando-se o problema como estímulo na vida dos alunos, estudar questionando o que lhes é passado, dialogando, reconstruindo conteúdo. Uma ideia de educação escolar que não vise conformar com a realidade, mas, perceber as falhas existentes e pensar soluções com base em sonhos, metas, objetivos.

Essa maneira de ver a educação traz o significado de respeitar profundamente as crianças como sujeitos ativos, e juntamente com elas organizar as mudanças necessárias, e não somente agir pelas crianças como se estas não soubessem de nada e nem tivessem nada a compartilhar. Esse processo de reconstrução põe em coligado a união dos alunos em geral com o corpo docente, desde que o professorado esteja aberto a ouvir e aceitar as ideias e ensinamentos de seu alunado. A coletividade é a chave e esta se faz com humildade e coragem, esperança e engajamento, estudo e amor rumo a reforma educacional.

A pesquisa se desenvolve com a explicação e apresentação de seu eixo suleador, os autores que fundamentam a reflexão, a resposta a questão central através de esmiuçar cada objetivo específico estando estes no papel de resposta a ser dada a questão anexada na construção de possibilidades de educar fora das caixas que vêm sendo posta a sociedade atual, seus sistemas escolares e seu fazer comunitário (coberto por falsas disputas e separações de valores).



A educação escolar pode ser coligada com a educação popular, mas, somente depois de responder algumas questões como: Que educação? Para quê? E para quem? Estando essas respostas na mesma direção da educação popular enquanto libertadora do ‘ser pensante’ e protagonizadora do ‘ser atuante’ construtor de um mundo de paz, sendo esta paz aberta a dialogicidade e a democracia, sendo esta paz antirracista, descolonial e queer, ou seja, valorizando toda e qualquer forma do “ter”, do “ser”, do “poder” e do “saber”, como tanto enfatiza Aníbal Quijano, 2005, em seus textos sobre a colonialidade do “ter, do ser, do poder, e do saber”.

Uma educação escolar popular volta-se para a realidade local do sujeito e considera importante o conhecimento “não científico” de seus familiares que possuem um outro saber advindo da experiência e muito rico e importante para o desenvolvimento da criança e jovem que ali cresce e precisa entender como viver a cada dia, compreendendo seus anseios, seus problemas e lutando por esperanças.

Na perspectiva do sistema educacional brasileiro, busca-se analisar o ensino regular e suas consequências diretas na vida das pessoas desde a implantação da escolarização no país. Como as políticas de educação no Brasil vêm agindo para mudanças reais nas escolas de base tendo como pilares: o ensino, a pesquisa e a extensão nas universidades.

Se há uma movimentação a favor do povo, ou contra o desenvolvimento deste enquanto massas servis, afinal, pra que serve essa educação escolar? O ensino regular foca muito em provas sistemáticas que guiam seus alunos a uma direção única: ser empregado de alguém com condição financeira mais elevada que a deste e facilitador de conquistas rápidas, porém, mesquinhas, impedindo os jovens de imaginarem ir muito além em suas trajetórias.

Ensinar para o esperar é o único modo de fugir dessa educação que prende, que inferioriza, que causa sofrimento e repete um sentimento de fadiga nos alunos diariamente. É preciso descolonizar mentes, começando pela dos educadores até a dos educandos, ou seja, o foco na formação do professor para uma educação popular é a chave, pois a partir dessa ação muitos caminhos tendem a abrir rumo à conquista do ideal de um sistema educacional escolar popular, libertário e decolonial.

Conclui-se que somente através de uma educação emancipadora, de fato, os indivíduos se sentirão inspirados a edificar ações revolucionárias em sua vida. É preciso



educar para a concepção do esperar individual, coletivo e global através da desconstrução das ideias conservadoras, preconceituosas e limitadoras da prosperidade social intuindo a continuidade do aprender.

Combater o racismo estrutural não está fora dessa luta por uma educação do povo, feita pelo povo e para o povo. Somente com uma luta antirracista implementada no chão da escola se é capaz de fomentar verdadeiras revoluções na educação brasileira. Essa é uma das conclusões que os resultados da pesquisa aqui descrita se propõem a destacar. Educação popular é educação descolonial, antirracista que vise a subjetividade do sujeito e proporcione possibilidades de um viver bem, tranquilo e feliz.

## 2. FUNDAMENTAÇÃO

O estudo aqui descrito se propõe a direcionar a educação escolar em um viés mais popular que fuja de suas bases hegemônicas e de sua fundamentação eurocêntrica. Uma educação com base na descolonialidade (CANDAU, 2020) capaz de transformar definitivamente o desrespeito para com os diferentes, sendo estes a base do poder popular. Pois se pensamos todos como iguais esquecemos de valorizar as diferenças gritantes, porém, não negativas.

A valorização dessas diferenças (diferenças econômicas, étnicas, religiosas, ideárias, regionais) entre as pessoas de uma sociedade a respeito de seu viver e educar é o primeiro ponto para iniciarmos uma reflexão acerca da escolarização atual que visa moldar os sujeitos como seus servís com valor de mercado, ou seja, a igualdade que a escolarização traz até os dias atuais é voltada para o “não sujeito”, é igual porque serve a um propósito de capital independente de seus significados, independente de seus problemas cotidianos, independente de suas crenças, de sua cultura, independente de seus sonhos e objetivos, pois na lógica empregada por uma educação bancária, os indivíduos não são protagonistas de seu viver, mas sim, participantes como seres passivos no protagonismo das grandes empresas.

Para se pensar um sistema de ensino que mude essa tática de educar para o mercado, precisa-se abranger a ideia significativa de que existem diferenças entre as pessoas de uma sociedade e que essas diferenças precisam ser levadas em consideração para um fazer pedagógico que desenvolva o potencial dos alunos e viabilize a ampliação



de sua humanidade organizando uma outra forma de viver mais facilitadora de conquistas pessoais e coletivas que retornem com frutos para seu local de moradia.

Paulo Freire, como um dos nomes mais respeitáveis para o embasamento teórico de pesquisas relacionadas à educação como um todo, dialoga acerca da ‘extensão’ do saber, sendo esta um depositário do que vem pronto e não a construção em comunidade.

No livro “extensão ou Comunicação?” (1983, p.38), FREIRE cita: “Na modernização, de caráter puramente mecânico, tecnicista, manipulador, o centro de decisão da mudança não se acha na área em transformação, mas fora dela. A estrutura que se transforma não é sujeito de sua transformação.” Logo, percebemos que a estrutura a qual o sujeito serve e para qual se escolariza, se transforma em um fator de progresso que se faz valer somente em meios de alto escalão empresarial e não retorna para o sujeito os benefícios de seu esforço. O sujeito estuda para trabalhar, e trabalha para enriquecer quem já está rico, ficando cada dia mais pobre, mesmo oferecendo sua força de trabalho como moeda de troca pelo seu salário. Por isso, reitero que a escolarização não está ainda do mesmo lado da educação popular, já que esta segunda, visa partir do sujeito e retornar para o mesmo os frutos de seu fazer epistemológico que consequentemente se transforma em trabalho, cultura, saúde e educação.

A educação popular almeja a alteração de uma realidade ruim para uma situação melhor partindo de suas bases, ou seja, das pessoas. A vida das pessoas é o que mais importa em uma educação do povo, com o povo, e para o povo. Esse trabalho se fundamentou em FREIRE (1998) e em tantas de suas outras obras, ele como patrono da educação brasileira. Mas, também se fundamenta em QUIJANO (2005) como estudioso das relações do “ter, ser e poder” quando este relaciona a pobreza da população diretamente com sua falta de história. E essa história dos povos brasileiros é apagada através do ensino nas escolas, quando este ensino valoriza a história exterior a nosso país e/ou suas bases fundamentadoras para explicar nossos acontecimentos.

Quando é organizado um conhecimento histórico do país na visão de seus algozes (colonizadores) não existe a opção de uma história fiel a seu povo, seu poder e sua reestrutura. Logo, a nação não conhece suas origens reais, não conhece sua cultura, se tornam maleáveis ao domínio de colonizadores (salvadores da nação). Esse domínio ao qual as pessoas são submetidas tiram o significado de quem elas são perante suas



raízes e impedem a proliferação do saber popular de cada coletivo. Este escrito também se fundamenta em GONZALEZ (2020), quando esta enfatiza a ação do movimento negro brasileiro voltada para a educação antirracista e descolonial:

Hoje a militância se diversifica, e ela é obrigada a se diversificar em face dos terríveis problemas que nós temos pela frente. O pessoal da área de informática dá cursos para o pessoal que não conhece, senta e conversa, mostra como é que é. Assim você instrumentaliza, por exemplo, o pessoal que vai trabalhar na área de educação. Recordo-me de um papo com Darcy Ribeiro, ele dizendo justamente essa coisa. Eu estava defendendo a oralidade, a cultura oral. E ele dizia que achava válido o que eu estava dizendo, mas que não era suficiente. Porque se não souber ler, dança. É arrancado da chamada civilização, não tem espaço e vai ser aquele tipo de massa anônima que a gente vê nos romances de ficção científica, não é verdade? Acho que o movimento negro tem que pensar seriamente nessa questão. E veja que é uma de nossas grandes bandeiras, sempre levantamos a questão da educação. Agora acho que nós não a implementamos devidamente, a gente falava muito, mas não desenvolvemos trabalhos concretos nesse sentido. E temos que partir para isso urgentemente, ontem. (GONZALEZ, 2020, p. 286)

É importante analisar este ponto trazido por Lélia na reorganização de uma educação do povo, construída com o povo e para o povo. Se encaixa em um dos objetivos do texto que é o de "construir uma educação para o povo, de fato" em que se percebe a ação dos movimentos sociais na formação de uma educação escolar com suas bases no marginalizado e para a efetivação da dignidade da vida destes seres humanos preciosos e poderosos. Deixando então, estes alunos de se tornarem personagens programados pelo sistema para seu uso farto e passando a protagonizarem seu modo de vida, de estudo, de trabalho, de crenças, de culturas, de famílias plurais e livres das amarras do processo escolarizador de subordinados.

Não parece ser fácil pensar nestas ações e na missão do movimento negro como criador de projetos, de trabalhos educativos que se entrelacem com os professores, os alunos, as escolas e a sociedade em que esta está inserida. É uma construção coletiva, na verdade, e quem participa do movimento negro está diretamente relacionado com ações modificadoras e revolucionárias.

GONZALEZ (2020), fala forte quanto a necessidade imediata de ocuparmos nosso lugar na sociedade, lugar de direitos e não somente de deveres e o quanto ao conscientizarmo-nos disso devemos imediatamente partir para a ação. O ambiente escolar deve ser de afirmação como diz (HOOKS, 2021) em seu livro "Ensinando





Comunidade”, fortalecer a identidade do aluno para que este consiga seguir por uma trajetória sendo ator principal de sua trama. E não há como ir contra o sistema caso continuemos a fomentar o mito da democracia racial. Pois esta democracia racial é o alicerce de toda a sobreposição que os colonizadores conseguem assumir sobre os povos originários e todos os outros que se formaram como cidadania brasileira pós colonização.

É preciso reconhecer que existem as desigualdades para poder esmiuçar as possibilidades de soluções, vendo e revendo até alcançar os objetivos almejados, os ideais, os sonhos, a utopia que sempre pode vir a se tornar realidade. É crucial enxergar a educação como representante da atuação política construtora de sistemas que articulam saberes emancipatórios.

Somente superando o racismo conseguiremos arquitetar um deslocamento da forma como está organizada a educação no Brasil. E para fechar os autores em que estão embasadas a fundamentação teórica deste artigo, o autor japonês Daisaku Ikeda, é educador e escreve acerca das profundas relações que existem entre a educação, o desenvolvimento individual do sujeito, a sociedade em que está inserido e o meio ambiente que o cerca. Ikeda, (2010) realça a necessidade de reconstruir a educação escolar voltada para a valorização do indivíduo em primeiro lugar, a humanidade e as ações humanitárias na construção de um mundo de paz e felicidade. Uma educação para criação de valor é sua ideia, que se baseia em muitos outros educadores espalhados pelo mundo todo.

A educação vem declinando no que diz respeito a seu objetivo primordial que é fazer o aluno gostar de estudar, porque caso contrário, é forçar a barra, e esse forçar não traz resultados positivos a longo prazo. Uma educação bancária, não se preocupa com o aprendizado do aluno frente às suas necessidades, mas, somente aos objetivos políticos postos nos documentos que regem o sistema educacional. Afinal, esses documentos restringem toda e qualquer forma de reflexão acerca das ações empreendidas e seus resultados obtidos. Eles vêm prontos, como se já garantissem a obtenção de seu propósito. E será que não é exatamente o que acontece? Ikeda, (2010, p .64) diz:

Pensando nisso, o que será que existe por trás da patologia de nossas crianças que se recusam a frequentar a escola, do comportamento problemático e da “fuga do aprendizado”, problemas que afetam a nossa sociedade contemporânea em geral? Acredito que a causa

fundamental está no completo declínio das funções educacionais que deveriam direcionar não apenas as escolas, mas as nossas comunidades e a sociedade como um todo.

Pode-se observar que desde o início do processo de escolarização tem-se objetivos dominadores de sujeito como fundamentação principal em sua organização, a organização de sua episteme formuladora de conhecimentos e conteúdo a serem transmitidos para os estudantes.

Precisamos adentrar aos sistemas e começar a mudá-los. Utilizar-se deles para construir nossa utopia, nosso mundo dos sonhos, nossa realidade possível. E tudo começa por onde estamos, a realização de diálogos, formação de grupos e organização de ações transformadoras.

IKEDA, 2010, afirma que as funções educacionais devem direcionar também, as comunidades e a sociedade como um todo, esse direcionamento parte do entender que escola e sociedade não se dissociam e andam juntas na reconstrução de mundo que vem sempre sendo base do viver da humanidade. Educação é cultura, crenças e valores.

### **3. METODOLOGIA**

A pesquisa foi realizada por meio da leitura sistemática de textos e produção de fichamentos, utilizando-se artigos, livros, fontes eletrônicas e demais obras científico-acadêmicas que abordam o tema geral do Grupo de Estudos e Pesquisa na Educação em Paulo Freire (GEPEPF) e os projetos de ensino pesquisa e extensão da UFRN, coordenados pela professora Doutora Maria Aparecida Vieira de Melo, voltados para a interdisciplinaridade, a educação integral e a decolonialidade na educação. O trabalho visa uma análise bibliográfica, recorrendo a realização de um estudo teórico e exploratório que se fundamenta em composições da literatura científica específica e se mostrem úteis e pertinentes à mesma.

A pesquisa se baseia também em projetos outros da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, CERES, Caicó que estudam a decolonialidade, a educação em Paulo Freire e as temáticas antirracistas. E ainda em estudos da Brasil Soka Gakai Internacional, a respeito de uma educação para a criação de valores humanos.

O objetivo geral é argumentar contra a escolarização posta no Brasil até os dias atuais oferecendo como alternativa favorável o restabelecimento de um ensino do povo, com o povo e para o povo. Para alcançar o objetivo posto o estudo tem como pergunta



suleadora: Como organizar uma educação escolar que abranja a educação popular e a eleja como prioritária em seu sistema? Para responder a essa pergunta formam-se três objetivos que direcionarão o desenrolar da pesquisa: Pensar a educação que se quer construir; a forma como esta será organizada e sua finalidade; E os sujeitos que serão desenvolvidos, sua história, sua cultura e sua participação autônoma na organização do saber.

Este estudo de caráter teórico-exploratório que, de acordo com as incumbências apresentadas seria uma tipologia de pesquisa, traz como desígnio o intuito de proporcionar ao pesquisador/investigador uma maior proximidade com a questão ou objetivo geral proposto para a pesquisa, planejando a escrita de uma produção textual com as inquietações e suas respectivas considerações na trilha por alternativas para uma educação do amor, da paz, da pluralidade, da dignidade do sujeito em sua essência.

É de suma traçar os acertos e os erros do atual sistema educacional e a razões para uma mudança emergente. Arquitetar a educação solidária, criativa, emancipadora. Pontuar ideias e ações que provoquem o alcance dos objetivos propostos.

#### 4. DISCUSSÃO

Refletindo sobre uma educação escolar, quanto a suas bases fundamentadoras, nos remetemos à organização da episteme que circunda, embasa e molda o ensino. Essas epistemologias se originam com os dominadores coloniais que provavelmente não desejavam homogeneizar as formas básicas de existência social de todas as populações de seus domínios, contudo, a colonização que se desenvolveu na América, trouxe três elementos centrais que afetam a vida das pessoas em sua totalidade: a colonialidade do poder, o capitalismo e o eurocentrismo. Uma educação que tem como égide a colonialidade do poder, falha em atingir o ser humano e ajudar em seu desenvolvimento próprio. Não se preocupa nem por um segundo com o bem estar dos sujeitos e muito menos em como organizar uma educação voltada para esses sujeitos junto com novas metodologias educacionais, já que como “dominante do saber” sobrepujando seus colonizados, estes já garantem a linha tênue entre quem “manda” e quem “obedece”. Logo, não podem ser questionados por seres “menores” quanto sua hierarquia de comando e não precisam rever suas práticas a não ser que estas lhes prejudiquem.

Neste mundo em que o capitalismo reina para alienar e manter cada vez mais alienado o sujeito sem história, sem valor, sem importância enquanto “ser pensante” e sem direito algum de sonhar com um futuro diferente, a escolarização tem o papel principal. Ela prepara o “rebanho” para ser guiado ao comando de seu algoz e ainda agradecer por ter quem olhe por eles, seres insignificantes.

Todas essas ideias coloniais e capitalistas vieram com o eurocentrismo ludibriando a visão de progresso que, na verdade, não progride nada para as massas sociais. Quando se pega um povo sofrido e utiliza-se de sua dor para falsamente acalentar, falsamente ajudar, não representa educar na linguagem popular.

O padrão de poder não suscita que a heterogeneidade histórico-estrutural seja erradicada dentro de seus domínios. Sua globalidade resulta numa mediação de práticas sociais comuns para todas as pessoas, numa esfera intersubjetiva atuando na orientação valorativa do conjunto. Por isso, as hegemonias enquanto representadas pelas instituições sociais se universalizam para a população do mundo construindo/sendo modelos intersubjetivos.

A escola acaba sendo, por fim, uma instituição que prolifera e edifica moldes de pessoas que se "coisificam" perante o capital. A educação popular acaba por ser o viés de intervenção nessas estruturas de dominância, contrapondo o que está posto sob falsa “educação” e propondo educação humanística, educação do povo, com o povo, pelo povo e para o povo. Uma educação para a liberdade (FREIRE, 1967), educação contra barbárie (CÁSSIO, 2019), educação para criação de valores (IKEDA, 2010).

Pensar educação popular implica fundamentações outras, saberes outros, conhecimentos e epistemes descolonizadoras, que façam jus aos povos originários de nosso país, suas histórias e culturas, que valorizem, respeitem e apreciem a história dos negros e dos imigrantes em geral que formam a grande massa brasileira miscigenada.

Buscar a reestruturação de uma educação não dominadora, mas, libertadora, requer compreender o projeto de democracia racial que circunda o dia-a-dia de todos e faz-se presente no apontar as diferenças como denominadoras de funções. Projeto esse em que a cor, a raça e a etnia definem se o indivíduo vai poder sonhar com uma vida diferente, de mais sucesso próprio, digna e feliz de fato.

Querer uma educação de base popular significa valorizar o mais simples, o local, a beleza mais natural. Significa criar práticas pedagógicas juntamente com os alunos utilizando aquilo que eles gostam, seus costumes, suas crenças e sua família. Educação popular, é uma educação pensante, fundante do sujeito reflexivo e crítico, oportunizadora de diálogos com embasamento crítico do individual ao coletivo, é ensinar ao aluno se entender como ativo, como cidadão de força, de saber próprio e de poder coletivo.

Quando a população cria sua comunidade e junto com ela chora, sorri e dialoga, a força opressora diminui. Se houver identificação entre as pessoas, isso as encoraja a lutar umas pelas outras, logo, nesta perspectiva percebemos o que é a escolarização fundamentada no eurocentrismo, no capitalismo e no sistema de poder e o que realmente realiza ao retirar a história das massas dos livros didáticos e de todos os outros meios com os quais se faz o educar se contrapondo a uma pedagogia decolonial.

A escolarização fundamentada no eurocentrismo traz livros didáticos que contam versões da história do Brasil num viés do colonizador e não do colonizado. Logo, a história não tem significado para o povo mais pobre e diverso que está às margens da sociedade brasileira desde a invasão dos portugueses nas terras hoje conhecidas como brasileiras. Sem esse significado ocorre um apagamento histórico na memória da população desmoralizada que finda por aceitar toda e qualquer subversão acreditando ser a única opção para a continuidade de sua vida.

Essa escolarização se baseia no capitalismo e no sistema de poder das grandes corporações que dominam todo o sistema econômico de nosso país e a partir deste dominam todo o resto (escolas, relações de trabalho, crenças religiosas, ideologias). Esse domínio aparece claramente nas estruturas escolares e em como estas organizam seu fazer pedagógico focando apenas em uma direção de dependência dos indivíduos às grandes corporações.

Separar, segregar, repartir para perder força, para não ter valor e facilmente ser preenchido com “sonhos outros”, distantes, despertando no psicológico desejo inconsciente de querer estar lá e ser aquele personagem, contentando-se com “Uma História Única”, (ADICHIE, 2009).



Como organizar uma educação escolar que abranja a educação popular e a eleja como prioritária em seu sistema? Primeiro ato é a organização da escolarização para o desenvolvimento do ser humano enquanto dotado de direitos equitativos e construtores de uma cidadania que valoriza o sujeito e a não “coisificação” do indivíduo como moeda de mercado.

A estruturação de escola voltada a desenvolver a humanidade dos alunos partindo de ações que visem a concretização dos direitos individuais e coletivos de todos eles, que una e ligue a família à escola e a sociedade que a cerca, construindo em conjunto o saber a ser partilhado, refletido, analisado e reorganizado periodicamente em conjunto.

É uma tarefa difícil quando pensamos a forma como fomos acostumados a pensar a escola e seu desenrolar. Um engessamento da episteme e suas práticas pedagógicas, onde nada se deve questionar. Sair da zona de conforto é bem desafiador, comprovado cientificamente que reproduzimos o que nos foi passado do mesmo jeitinho. Mas, ser professor é entender que o papel de mediador do educar não nos cabe em absoluto entender individual e superior, é um processo em construção, construção coletiva e sempre na ativa de seu refazer.

Em segundo ato, a luta dos movimentos sociais que são a organização do povo em busca de suas reivindicações que não podem, de modo algum, ficar parado. A escola deve guiar o aluno para se movimentar, criar projetos que vão às ruas com objetivo de incentivar seus companheiros locais a viver com respeito, amor e felicidade. Uma escola que leva seus alunos pra comunidade no desenrolar de projetos por eles mesmos idealizados e com eles programados é uma escola verdadeiramente solidária.

Ou seja, é uma escola que tem seus valores voltados para o ser humano, suas ações transformadoras e criadoras de saber. No texto “Algumas notas sobre humanização e suas implicações pedagógicas”, in: “*Ação Cultural para a Liberdade: e outros escritos.*”, Paulo Freire (2003, p.79) diz que “[...] o conhecimento é processo que implica na ação-reflexão do homem sobre o mundo”. E a escola é o campo de autonomia do desenrolar do pensar como meio para a obtenção de resultados sonhados e esperados pelos alunos e pela população envolta.

Essas ações devem ter por finalidade principal as mudanças nas estruturas de base racistas/capitalistas através das lutas desses povos, debatendo em suas aulas sobre o que realmente foi a colonização do Brasil, e não meramente reproduzindo o que aparece resumidamente nos livros didáticos.

Os povos negros, indígenas, quilombolas e estrangeiros, tem uma perspectiva de “poder, ser e saber” acrescida de suas conquistas nas estruturas de base através dos movimentos sociais. Como citado por Lélia Gonzalez em entrevista ao MNU (Movimento Negro Unificado), 2020: “Hoje a militância se diversifica, e ela é obrigada a se diversificar em face dos terríveis problemas que nós temos pela frente. [...]”. O movimento negro luta por uma configuração nova e diferente que relaciona e correlaciona todas as problemáticas que ferem diretamente a vivência do povo preto. O movimento feminista luta pela valorização da mulher em todos os âmbitos. O movimento indígena pela não extinção total de seu povo. Logo, educação escolar popular é aquela voltada para as intempéries em que estão submergidos os alunos que frequentam o campo de ensino.

A educação a ser construída em face da valorização das pluralidades existentes em contexto amplo é uma educação escolar com gestão e práticas pedagógicas democráticas, assim como o bom relacionamento de todos os envolvidos. Um ambiente autogestionário em que as divergências sejam sinônimos de crescimento e desenvolvimento já que o ser humano aprende um com o outro, buscando o caminho do meio nas questões do dia.

A educação que este trabalho traz como ideal a ser colocada em prática é uma educação que preze pelo aluno em primeiro lugar, mas, claro, não no sentido de “mimo” ou falta de conteúdo, mas, um local em que o aluno possa conduzir-se em direção de uma vida mais significativa e plena de realizações. Sendo também importante destacar, a valorização de todos no ambiente escolar e o meio que o cerca, o respeito e o amor pelo o outro sujeito que se apresenta e pela vida à qual tudo se volta.

A educação não deve ser “para fora”, ter como finalidade o externo, o que está distante, o desconhecido, ou seja, servir ao mercado, disputar emprego, morar em países de primeiro mundo, estudar em escolas particulares. A educação deve se atentar ao interior dos sujeitos, á consideração de sua família, de sua cidade, de sua cultura, e de



sua tranquilidade (que também remete a felicidade). A mudança de intenção dos valores aos quais a escola se baseia, é ponto chave para efetivação de uma realidade mais pacífica.

Como terceiro ponto para uma escolarização abrangente da educação popular tendo-a como prioritária no sistema é aquela que busca a felicidade do aluno enquanto estudante, que atinge o gostar do aluno e também da equipe pedagógica e os outros envolvidos no processo. Ou seja, uma escola que o corpo alunado deseje voltar depois de cada dia, em que o aluno não seja pressionado a resolver milhões de provas e atividades sem sentido para este que acaba não conseguindo relacionar com seu dia-a-dia, nem com sua realidade. Uma escola que o professor também se sinta feliz, que o interno dos sujeitos seja trabalhado para o bem estar, a esperança, o coleguismo, a organicidade e para cultura de paz. Que molde seu olhar para os problemas que cercam a vida geral e individual, o cuidar do meio ambiente, apreciar a natureza, desenvolver os bons costumes morais e éticos. Uma educação para os direitos humanos, que compreenda a importância do trabalho e das relações próximas, o desenvolver espiritual e senso político. Como Paulo Freire escreveu em *Pedagogia do Oprimido* (2019 p. 53) “Somente o diálogo, que implica num pensar crítico, é capaz, também, de gerá-la. Sem ele, não há comunicação e sem esta não há verdadeira educação”, tendo a dialogicidade como substância, tudo é possível de ser construído. E não existe esse diálogo verdadeiramente relacionado, ouvido e debatido se faltar amor aos homens, ou seja, se faltar cuidado ao outro, é preciso uma educação humana, de fato.

A educação que este artigo se propõe a refletir para em real se construir não segue o padrão de educação escolar vigente no Brasil, pelo contrário, a contesta, e propõe a criação, reestruturação, reorganização de uma educação voltada para as pessoas, uma educação popular, crítica, reflexiva, dialógica, humana, cotidiana, simples, verdadeira, política, libertadora e contra a barbárie. Uma educação idealizada doravante a apreciação dos sujeitos que serão desenvolvidos para integralidade de seu viver bem, enfatizando sua história, sua cultura e sua participação autônoma na organização do saber. Reconhecendo a criança e os alunos em geral como produtores de conhecimento, capazes de opinar, refletir, julgar e modelar seu ensino, pois estes não são “folhas em branco” e muito menos “banco” para somente receber, pelo contrário, percebendo-se como participante da composição de seu dia-a-dia, de seu existir, de seu “ser”, este



conquistará autonomia que se desenrolará em criatividade aguçada, esperança e coragem para lutar por alternativas mais viáveis, transfigurações positivas do amanhã.

Para atingir o objetivo proposto e organizar ideias para uma educação escolar com bases populares, é imprescindível direcionar toda e qualquer iniciativa de mudança para a formação dos professores embasada nessa forma de ensino valorativa do cotidiano de seus alunos, da escola, da equipe pedagógica e seus conveniados e da comunidade em que a escola está inserida.

Essa formação deve ter como princípio fundamentador as ideias de Paulo Freire e outros autores descoloniais e antirracistas (QUIJANO, 2005; GONZALEZ, 2020; IKEDA, 2010), precisa focar no envolvimento da universidade com as bases escolares em projetos de ensino, pesquisa e extensão que vise a elaboração de epistemes múltiplas, diversas, plurais nos espaços não formativos.

A universidade é lugar de pesquisa e estas devem levar propostas e ideias para o chão da escola básica, assim como receber destas, aprender com elas, refazer o saber dado na universidade e voltar nas bases de ensino para continuação deste ciclo educativo. Isso é descolonização, quebrar as barreiras do está posto, pronto como absoluto, e sem abarcar os problemas reais existentes nas comunidades humanas que circundam o Brasil.

Além disso, descolonizar é procurar práticas outras para educação outra, é trazer ludicidade a um ensino engessado e fechado sob quatro paredes de uma sala. Descolonizar é desconstruir a ideia de democracia racial, de que todos somos iguais, mas, com diferença no que cada um merece.

Empoderar o antirracismo e tê-lo como indissociável no cotidiano do ensinar escolar é intrínseco, pois sem a credulidade de sua potência, não se consegue sair desta prisão que a escola se encontra sem compreender o fracasso de seu fazer educativo. A alegria no estudo chegará para cada aluno que se encontre, se identifique, sinta-se parte do todo que representa o espaço da instituição de ensino.

Viver com essas escolas hegemônicas e ensino bancário não deve ser mais uma opção se objetiva-se melhorar a educação para os alunos de hoje e para o amanhã, criando um sistema voltado para as tecnologias que estão a dominar os meios de vivência e para os cuidados indispensáveis e urgentes com o meio ambiente.

A edificação de uma “Pedagogia da Esperança” (FREIRE, 1992) que trescale a crença no ser humano, no seu poder de vida, sua luta, nos seus anseios. Oprimido historicamente o indivíduo que está às margens da sociedade, busca na educação uma opção moral e humanística de arrostar contra a agressão a que é colocado diariamente em labuta. Imperiosamente, a educação deve familiarizar-se com a sintaxe e semântica dos grupos populares, entender como estes fazem sua leitura do mundo, atendendo a suas necessidades culturais de resistir.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O propósito da educação é criar e recriar com base nos indivíduos educadores e educandos, conhecimentos pertinentes a seus objetivos de vida. Conhecimentos que ajudem e guiem os homens, as mulheres, os LGBTQIA+ a se organizarem enquanto sociedade, enquanto cidadãos. A educação escolar é formada pelas pessoas e deve-se voltar para elas, seus anseios, sonhos, ideais, melhorias, tornar realidade suas utopias.

Vive-se pra quê? Pra ser feliz! E é em busca dessa felicidade que a educação precisa estar não enclausurada em regras, leis e estatutos que se fundamentam em um viés encarcerador, uma prisão de visões, um vazio de emoções que somente entristecem, desmerecem, desrespeitam, desmoralizam os sujeitos por se basearem em uma valorização do que não tem valor.

Os conhecimentos são válidos a depender do que servem, a quem servem. O repassar do conhecimento técnico ou bancário fomenta uma única visão que interessa a pouquíssimas pessoas, deixando todas as outras à mercê de um saber sem sentido, sem significado, sem rumo e sem amor.

A escola somente conseguirá ser popular se houver amor pelos sujeitos outros, pois, não é possível fazer mudança no sistema educacional, se não houver amor, o amor é a essência do viver e do educar. Para fugir dessa escolarização prisioneira de mentes, corações e vidas, e recriar a educação escolar de forma democrática, libertadora, dialógica, e para a cidadania, primeiro deve-se entender a quem serve a educação.

Não é ao sistema dominador, racista e capitalista que se fundamentiza na necropolítica; não é às grandes corporações econômicas representadas pelos mais ricos do mundo (pouquíssimo em quantidade); mas, sim à população que é massa, que é marginalizada pelo sistema educativo atual. O estudo não faz menção às provas, aos



empregos, ou a “ser alguém” pela lógica do consumo, mas, faz referência primeira e principal a riqueza de espírito.

Os seres humanos assim se tornam pelo contato uns com os outros, pelas relações pessoais coletivas e pelo viver em comunidade compartilhando alimentos, materiais, afetos, conhecimentos, aprendendo e reaprendendo conjuntamente. Assim, a educação também se faz, pelo viver com o outro, pelo outro e para o outro, sendo para si mesmo incluso como prioridade. É preciso estar bem para espalhar o benefício, os bons atos, a arte de ser solidário e almejar a felicidade.

Manifestar criatividade e individualidade é parte integrante ao ensinar o que se sabe, aprender o que não sabe e rever todos os conceitos a todo instante conversando e polindo um ao outro, humano a humano, dia-a-dia, continuamente fazendo e refazendo conhecimentos, conteúdos, práticas pedagógicas, educação.

É lendo o entorno que se compreende a leitura escrita em textos nas atividades diárias de uma sociedade, o saber científico nada mais é que saber popular institucionalizado. Isso não desmerece o conhecimento intelectual, mas nos faz enxergar por outros ângulos tudo a nossa volta, particularmente o ambiente “sagrado” escolar que precisa se popularizar e baixar a guarda de tanta soberba, de tanto poder sobre a comunidade no sentido só de ida, como se a escola levasse para as famílias tudo pronto. O poder existe quando é mútuo.

Mas, como a escola pode oferecer realmente vantagem devida ao esforço se a mesma se baseia em um único viés de saber? Quando esta não escuta seus envoltos e não constrói com eles a educação? Será mesmo que esse repasse de conhecimento “pronto” educa? E se educa, educa pra quê? Pra quem? Por quem?

É então que as respostas começam a surgir quando tenta-se encontrar o nexo das ações das escolas na preparação única e exclusiva de seus alunos para uma prova nacional qualificadora ou para um trabalho mecânico e mal pago.

Parece que na verdade, a música “Xibom Bombom” das cantoras denominadas como “As meninas” tem em sua letra a resposta: “*O motivo todo mundo já conhece: é que o de cima sobe e o de baixo desce*” (MENINAS, 1999). A escola tem como base as políticas públicas educacionais e estas acabam por servir quem está no comando da nação mantendo uma hierarquia sobre a condição econômica de sua população. As

pessoas que nascem pobres tendem a ser sempre pobres e não encontrar chances de mudar de vida, esse é o modelo reprodutor que se baseiam as escolas hoje.

Não é interessante para um comandante que seus subordinados saibam mais que ele, pois isso implica em não existir um comandante. Uma sociedade baseada na noção de comunidade, precisa de um ensinar muito mais social e democrático. E para quebrar com essa hierarquia somente abrangendo a luta antirracista que de forma imperiosa conduzirá todos a uma visão desembaraçada das relações de poder que guiam o país.

Levar para a escola textos que contraponham a forma única de contar a história do Brasil em que “os escravos queriam ser escravizados” e os indígenas eram “bárbaros maquiavélicos” que precisavam ser civilizados. Trabalhar pedagogicamente com a interpretação do alunado, valorizando-a e modelando o ensinar a situações críticas de problemas existentes. É preciso urgentemente descolonizar o ensinar nas escolas.

Por isso, é tão importante e urgente mudar o curso ao qual a educação se conduz. Fomentar uma escolarização com novas bases de saber, voltadas estas para o local de seus componentes, sejam alunos, professores, sociedade. Com atenção especial ao “ser” fortalecendo a subjetividade do sujeito e potencializando a valorização do “poder” como coletivo, que deste parte e pare este volte, rumo à escolha da própria realidade.

O progresso que a muito vem justificando o fazer educativo existente somente interessa a hegemônicos, homofóbicos, defensores da falsa moral e falsos bons costumes, que findam por priorizar os algozes detentores de “poder” justamente por conduzir a sociedade na espreita fazendo-a acreditar que precisa seguir nesta linha de sofrimento eterno e falta de esperança.

Uma educação para a dignidade dos indivíduos precisa ser posta em pauta e mais, em prática. A busca por uma formação de professores que eduquem para a paz, para o respeito as pluralidades, pela dignidade igualitária de vida de todos. Educação popular e contraditória a educação escolar editada nos documentos regidos pelo sistema capitalista dominante. A imponência de uma educação escolar outra, uma educação escolar na perspectiva popular, comunitária e política. Uma utopia para chamar de “nossa”, na verdade, muitas utopias e a luta para que estas organizem potencialmente as realidades almejadas e se transformem em ações para posteriormente se concretizarem.



O sonhar é parte do acreditar e vem do viver e desejar melhores condições sociais. Pois, existem possibilidades de alcance dos objetivos de um ensino escolar popularizado, humanitário, comunitário, democrático, interdisciplinar, integrado e decolonial. A ação de procurar compreender a atualidade do ensinar no Brasil, gera a busca por realidades outras e a organização de um sistema educacional popular.

A educação cria e recria, se faz e refaz, se organiza enquanto sistema fundante de mundos. Mundos esses organizados pelo homem para as próximas gerações. Esperançar é o verbo que define toda ação educativa quando esta visa uma tomada diferente de idealização dignificante de todas as classes, raças e gêneros, sem distinção, assim como condições físicas e mentais diversas às quais se encontram todos os seres humanos.

A educação popular é a esperança de um futuro pacífico para a humanidade, em que diante de diferentes saberes: científicos, sociais, curriculares, a escola deve-se fazer reconhecê-los e untar dialogicamente todos eles para uma cultura dos direitos humanos adentrando os diversos espaços da vida cotidiana, partindo das políticas de estado e construindo-as novamente, fazendo as reparações necessárias.

## 6. REFERÊNCIAS.

ADICHIE, Chimamanda N. **O perigo de uma história única**. Companhia das Letras, 2009.

BELL, Hooks. **Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança**. São Paulo, Elefante Editora, 2021. [Ebook]

CANDAU, Vera Maria. **Pedagogias decoloniais e interculturalidade: insurgências**; Coordenação: KOFF, Adélia Maria Nehme Simão e; OLIVA, Rodolpho. 1. ed. Rio de Janeiro, APOENA, 2020.

CÁSSIO, Fernando. **Educação contra a barbárie: por escolas democráticas e pela liberdade de ensinar**. 1 edição, São Paulo, Boitempo, 2019.

FREIRE, Paulo. Algumas notas sobre conscientização. In: **Ação Cultural para a Liberdade: e outros escritos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003. Arquivo PDF.



FREIRE, Paulo (1967). **Educação como Prática da Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. [PDF]

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Tradução de Rosisca Darcy de Oliveira. 7ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2019.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo- afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

IKEDA, Daisaku. **Educação Soka**: Uma perspectiva budista para professores, alunos e pais. São Paulo: Editora Brasil Seikyo, 2010.

MENINAS, as. Xi Bom Bombom. Composição: GASPAR, Rogério; RANGEL, Wesley. In: **Ouro**, CD 2. Salvador, Bahia, Universal Music, 1999.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina**. In: A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Buenos Aires, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales (CLACSO), 2005.

*Submetido em: 01/11/2022*

*Aceito em: 26/11/2022*